

Acolhimento psicológico de juventudes negras: para além do adoecimento e do racismo

Psychological reception of black youths: beyond illness and racism

Maiara da Silva¹, Andrea dos Santos Nascimento¹, Pollyana de Lucena Moreira¹, Joana Paula de Souza Vieira¹

RESUMO: Este artigo descreve uma intervenção psicológica que consistiu na implementação de um grupo de acolhimento direcionado a jovens negros. Foram realizados 68 encontros de 2018 a 2021, dos quais 46 foram realizados durante a pandemia de COVID-19. As principais temáticas abordadas no grupo foram: relacionamentos com pessoas brancas; manifestação e estratégias de expressão de afetos; autoconhecimento e autoestima; estratégias de enfrentamento do adoecimento devido ao racismo; solidão da pessoa negra; vulnerabilidade da pessoa negra; e efeitos do racismo na subjetividade. A análise dos dados coletados durante as sessões do grupo evidenciou a eficácia do espaço criado para promover o bem-estar psicológico da comunidade negra, destacando a importância de oferecer um ambiente seguro para discutir e elaborar questões relacionadas à identidade racial e os impactos do racismo. O grupo se constituiu como um ato de resistência em uma sociedade colonizada e embranquecida, representando a busca por uma psicologia antirracista. A intervenção contribuiu para a formação acadêmica dos estudantes ao prepará-los para um acolhimento psicoterapêutico dentro de uma prática antirracista.

Palavras-chave: Acolhimento Terapêutico; Decolonial; Grupos; Juventude Negra; Racismo.

ABSTRACT: This article describes a psychological intervention that consisted of implementing a support group aimed at Black youth. There were 68 meetings held from 2018 to 2021, with 46 taking place during the COVID-19 pandemic. The main topics addressed in the group were relationships with white individuals; expression and strategies for expressing affection; self-awareness and self-esteem; coping strategies for illness due to racism; loneliness of Black individuals; vulnerability of Black individuals;

¹ Universidade Federal do Espírito Santo

and effects of racism on subjectivity. Analysis of the data collected during the group sessions highlighted the effectiveness of the space created to promote the psychological well-being of the Black community, emphasizing the importance of providing a safe environment to discuss and address issues related to racial identity and the impacts of racism. The group emerged as an act of resistance in a colonized and whitened society, representing the pursuit of anti-racist psychology. The intervention contributed to the academic formation of students by preparing them for psychotherapeutic care within an anti-racist practice.

Keywords: Black Youth; Decolonial; Groups; Racism; Therapeutic Reception.

Introdução

Entre os teóricos e pesquisadores mais proeminentes da história da psicologia, destacam-se Wilhelm Wundt, Edward Titchener, William James, Ivan Pavlov, Sigmund Freud, Max Wertheimer, John Watson, Fritz Perls, Burrhus Frederic Skinner, Jacques Lacan e Michel Foucault. Ao examinar seus legados emerge uma característica em comum: todos são homens brancos. Embora suas contribuições teóricas sejam fundamentais para o desenvolvimento da psicologia ocidental, é importante situá-las no contexto em que suas ideias foram desenvolvidas, considerando fatores sociais relevantes, como raça e gênero, tanto dos teóricos quanto dos participantes de suas pesquisas. Esta reflexão, especialmente quando se considera o conhecimento aplicado na prática clínica para lidar com o sofrimento psíquico, foi abordada por Veiga (2019). O autor problematiza a concepção de uma subjetividade genérica e universal, considerando que esta é formada com base em um conhecimento sobre o sujeito moldado por uma sociedade patriarcal, capitalista, imperialista, colonialista, racista e cis heteronormativa.

Deste modo, restringir-se a concepções oriundas de uma perspectiva eurocêntrica sobre saúde mental e sofrimento psíquico limita as possibilidades da psicologia brasileira de oferecer um atendimento adequado e de qualidade à maioria da população, que,

conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), é predominantemente composta por indivíduos negros (45,3% pardos e 10,2% pretos). Tal carência de representatividade e sensibilidade às diversidades étnico-raciais pode conduzir a uma prática clínica descontextualizada e ineficiente para uma parcela substancial da população. Portanto, ao considerar a distribuição racial da população brasileira (IBGE, 2022) e a análise de Veiga (2019) sobre os referenciais teóricos adotados nos cursos de psicologia, observa-se uma negligência em relação à subjetividade das pessoas negras, o que pode resultar em uma formação de profissionais pouco preparados para lidar com o sofrimento decorrente do racismo.

O racismo é definido como um processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou uma categoria social, baseando-se em alguma característica física externa (real ou imaginada), que é reinterpretada em termos de uma marca cultural interna que define padrões de comportamento (Lima & Vala, 2004). Além das formas tradicionais de racismo, Lima & Vala (2004) destacam outras formas que são igualmente perniciosas. Entre elas, estão o racismo moderno, que é mais sutil e disfarçado; o racismo simbólico, que resiste a mudanças no status quo racial; o racismo aversivo, caracterizado por atitudes de evitação; o racismo ambivalente, que mistura sentimentos de simpatia e antipatia; e o racismo sutil, que discrimina de maneira indireta. No Brasil, destaca-se o racismo cordial, que, sob uma fachada de simpatia, perpetua desigualdades. Essas novas formas de racismo são especialmente perigosas por serem mais difíceis de identificar e combater, mantendo uma aparência de conformidade com normas igualitárias (Lima & Vala, 2004).

Esse contexto enfatiza a importância de uma prática psicológica sensível e inclusiva, em que a escuta qualificada reconhece e respeita a diversidade de experiências de vida de pessoas negras. Frazão e Fukumitsu (2014) destacam que quando pessoas não

recebem reconhecimento de sua identidade por parte de suas redes sociais significativas, sua autoimagem e autoestima podem ser profundamente afetadas, influenciando negativamente suas interações sociais e seu bem-estar emocional. Portanto, a prática clínica deve evitar abstrações genéricas do sujeito, buscando entender e valorizar as histórias individuais e contextos culturais de cada pessoa atendida.

A Gestalt-terapia enfatiza que o significado das ações de um indivíduo está intrinsecamente ligado à sua relação com o ambiente circundante (Frazão & Fukumitsu, 2013). Por isso, reconhecer as características do campo e do grupo social nos quais as pessoas estão inseridas é fundamental para compreender suas experiências e modos de existência (Frazão & Fukumitsu, 2013). Nesse contexto, é importante considerar que as relações intrapessoais, interpessoais e intergrupais acontecem em um contexto racializado, e entender como essas relações se estabelecem é essencial para desenvolver estratégias de cuidado. Dessa forma, enfatizar que o racismo é um elemento estruturante da sociedade brasileira (Almeida, 2018; Lima, 2020) é relevante para promover uma prática de cuidado antirracista, proporcionando um ambiente propício para o desenvolvimento do potencial das pessoas negras como sujeitos, visando assim reduzir o impacto negativo do racismo na sua saúde mental e bem-estar dessas pessoas.

Considerando a conjuntura brasileira, observa-se a presença de diferentes contextos permeados por uma lógica semelhante: uma estrutura social influenciada pela necropolítica, a qual, por meio de ações e omissões, amplia as condições de vulnerabilidade para grupos já marginalizados, resultando na perpetuação de desigualdades, na manutenção de zonas de exclusão e violência, e contribuindo para a precarização da vida. A necropolítica é conceituada por Mbembe (2018a) como a dinâmica que institui parâmetros nos quais a subordinação da vida à morte é legitimada, delineando quais grupos têm o direito de viver e quais estão destinados a morrer. Essa

legitimação não apenas se manifesta na instrumentalização da vida, mas também na destruição de determinados grupos sociais.

Veiga (2019) destaca que a necropolítica rege, sobretudo, o funcionamento de uma país antinegro e, como exemplo das consequências da necropolítica na contemporaneidade brasileira destaca-se a situação da juventude negra. Dados do Atlas da Violência (Cerqueira et al., 2021) indicam que no Brasil 77% dos homicídios contabilizados em 2019 foram de jovens negros. Nesse sentido, é importante ressaltar que a dinâmica da necropolítica opera de maneira a limitar o acesso de grupos não brancos a determinados espaços, devido às condições sociais historicamente atribuídas a eles, como níveis de escolaridade, oportunidades de emprego, taxas de mortalidade, violência urbana e local de residência (Almeida, 2018; IBGE, 2022). Ao mesmo tempo, essa dinâmica confere diversos privilégios às pessoas brancas, o que reduz ainda mais as oportunidades para os demais grupos não brancos (Nascimento et al., 2019).

Diante desse cenário, e entendendo o cuidado como uma postura ética, torna-se relevante o questionamento de como exercer práticas de cuidado no atendimento clínico que confirmem a subjetividade das pessoas negras. Uma vez que não é possível retirar o sujeito do contexto social para escutar suas experiências (Frazão & Fukumitsu, 2013), é necessário compreender os imbricamentos das questões do sujeito e as forças de poder e opressões, como o racismo e a necropolítica, que organizam o meio no qual este está inserido. Nesse contexto, o objetivo deste artigo é descrever uma intervenção psicológica que consistiu na implementação de um grupo de acolhimento direcionado jovens negros, conduzido como parte das atividades do Projeto de Extensão intitulado "Gestalt-terapia: Escuta e Acolhimento Psicológico de Grupos".

O propósito do grupo foi desenvolver uma prática psicológica antirracista voltada para o acolhimento de pessoas negras, principalmente universitárias. Oferecer um grupo

de acolhimento para pessoas negras, realizado no espaço físico da universidade, apresentava-se como relevante pois, mesmo com a implantação das ações afirmativas que proporcionou um aumento do número de pessoas negras nas universidades públicas (Brasil, 2012), verifica-se que as políticas de permanência, que incluíam atenção psicológica para estes estudantes, se apresentam, de forma geral, ainda incipientes (Gonçalves & Ambar, 2015; Guimarães, 2003).

Método

O grupo de acolhimento nomeado *Grupo de Acolhimento às Juventudes Negras* foi destinado a pessoas negras da comunidade interna e externa de uma universidade pública federal, e a modalidade de funcionamento foi aberta, dessa forma, as pessoas poderiam ingressar e sair do grupo a qualquer momento. As atividades do grupo se iniciaram em 2018, na ocasião a divulgação foi realizada por meio da afixação de cartazes pelas dependências da universidade e por meio de postagens em redes sociais. As inscrições das/os interessadas/os foram realizadas por meio do e-mail do projeto de extensão. Em decorrência da pandemia da COVID-19 e das medidas sanitárias adotadas para a contenção das contaminações, em 2020 os encontros passaram a ser realizados remotamente, com a divulgação do grupo e de suas atividades sendo feita exclusivamente via redes sociais, mantendo-se as inscrições por e-mail.

Participantes e encontros

Em 2018, foram realizados sete encontros, com a participação de quatro pessoas (duas mulheres cisgênero e dois homens cisgênero). Em 2019, foram realizados 15 encontros com a participação de sete pessoas (duas mulheres cisgênero e cinco homens cisgênero). Nesse período, os encontros foram realizados presencialmente no Núcleo de Psicologia Ampliada da universidade, durante a noite, uma vez por semana e com duração máxima de duas horas, seguindo o calendário letivo. Em 2020, foram realizados 18

encontros com a participação de 13 pessoas (seis homens cisgênero, um homem transmasculine e seis mulheres cisgênero). Em 2021, foram realizados 28 encontros, com a participação de 12 pessoas (sete mulheres cisgênero, um homem transmasculine e quatro homens cisgênero), que ocorreram de forma remota via Google Meet. O link de acesso à sala era enviado às/os participantes inscritos no dia do encontro por e-mail. Durante a Pandemia de COVID-19, a realização dos acolhimentos seguiu as orientações da Resolução CFP nº 04/2020, sobre atuação on-line, e continuaram sendo realizadas no período da noite, com mesma duração e frequência dos encontros presenciais.

Planejamento e realização dos encontros

O grupo foi mediado por três extensionistas estudantes do curso de graduação em psicologia, autodeclarados pessoas negras e que tinham cursado a disciplina optativa de Gestalt-terapia. A condução dos encontros do *Grupo de Acolhimento às Juventudes Negras* integrou elementos da Gestalt-Terapia (Perls 1977; 1979) e da Teoria da Identidade Social de Tajfel (1982).

A Gestalt-Terapia possui conceitos e ferramentas que permitiram que as questões raciais fossem abordadas de forma condizente com o propósito do grupo. O diálogo genuíno e a aceitação das diferenças, como propostos por Hycner e Jacobs (1997), Ribeiro (1994) e Yontef (1998), foram fundamentais para lidar com as diversas subjetividades presentes no grupo. A escuta atenta, fenomenológica e empática (Ribeiro, 1994) foram ferramentas essenciais para validar os afetos que emergiram no grupo. A postura dialógica ressaltou a importância do vínculo entre os mediadores do grupo e os participantes (Buber, 2001; Hycner & Jacobs, 1997), essencial durante o acolhimento em grupo, conforme discutido por Tellegen (1984) e Ribeiro (1994). Este relacionamento dialógico propiciou um espaço no qual os participantes puderam expressar seus conflitos, medos e expectativas de forma genuína (Fadel & Pinheiro, 2015).

Já a Teoria da Identidade Social de Tajfel (1982) contribui para o planejamento e condução do grupo por meio da ênfase na importância do pertencimento grupal e da categorização social na formação da identidade dos indivíduos. Essa teoria sugere que a identificação com o próprio grupo é central para a autoestima e o bem-estar dos membros, especialmente em contextos em que há discriminação e preconceito (Tajfel, 1982; Fernandes & Pereira, 2018).

Ademais, considerando o propósito do grupo, avaliou-se como essencial que antes do início dos encontros houvesse uma compreensão sobre a importância e a necessidade de descolonizar a psicologia, colocando a subjetividade negra como referência no desenvolvimento de uma prática clínica de acolhimento a pessoas negras e para o desenvolvimento de uma escuta antirracista (Veiga, 2019). Com isso, percebeu-se como essencial que a leitura de intelectuais negras e negros, a exemplo: Achille Mbembe (2018a; 2018b), Adilson José Moreira (2018), Audre Lorde (2019), Angela Davis (1981/2016), bell hooks (1981/2019), Carla Akotirene (2019), Djamila Ribeiro (2017; 2018; 2019), Grada Kilomba (2008/2019), Joice Berth (2019), Kabengele Munanga (2019), Lélia Gonzalez (2020), Renato Nogueira (2011a; 2011b) e Silvio de Almeida (2018).

Ao longo dos encontros, foram realizados exercícios vivenciais (p. ex. apresentação de músicas e poemas) que pudessem enriquecer e proporcionar um maior contato com os temas propostos pelo grupo. Assim, respeitando a dinâmica grupal, buscou-se estabelecer um espaço no qual as (os) participantes tivessem a liberdade de expor suas questões e singularidades sem se sentirem limitados a falarem exclusivamente do sofrimento oriundo do racismo.

Os extensionistas do projeto tiveram supervisões semanais em um dia diferente daquele no qual ocorria o grupo. Durante as supervisões eram apresentados os relatos do

encontro daquela semana e, em conjunto com as supervisoras responsáveis, realizavam o planejamento e os encaminhamentos para os próximos encontros. Cada próximo encontro tinha como objetivo aprofundar os temas colocadas pelo grupo no encontro anterior. Foi elaborado um prontuário para o grupo seguindo as orientações da Resolução CFP nº 001/2009, assim com a elaboração de diários de campo.

Análise dos encontros

Garantindo o sigilo e a privacidade das/os participantes, foram analisados para a elaboração deste artigo os conteúdos dos prontuários e dos diários de campo dos encontros do *Grupo de Acolhimento às Juventudes Negras*. Os diários de campo eram preenchidos pelos estudantes extensionistas após cada encontro, assim como os prontuários do grupo, cujas anotações, sentimentos e percepções eram discutidos em supervisões.

A utilização de diários de campo e prontuários de grupo permitiu uma análise detalhada das interações e experiências dos participantes, proporcionando uma compreensão profunda das dinâmicas grupais e dos impactos das intervenções realizadas. Todos os participantes foram informados, ao ingressarem no grupo, sobre as supervisões semanais com a coordenadora e a psicóloga convidada, bem como sobre a possibilidade de que o conteúdo manifestado no grupo fosse utilizado em trabalhos de congressos, capítulos de livros ou artigos científicos, e expressaram seu consentimento no ato da inscrição.

Resultados

Os principais temas trazidos pelas/os participantes e abordados nos encontros foram: relacionamentos com pessoas brancas; manifestação e estratégias de expressão de afetos; autoconhecimento e autoestima; estratégias de enfrentamento do adoecimento

devido ao racismo adoecimento devido ao racismo; solidão da pessoa negra; vulnerabilidade da pessoa negra; e efeitos do racismo na subjetividade.

Relacionamentos com pessoas brancas

Devido às violências que recorrentemente atravessam a relação entre pessoas negras com pessoas brancas, o respeito à negritude foi apresentado como uma necessidade emergente para todo o grupo. Associada a este imperativo houve a exposição pelas/os participantes de comportamentos racistas por parte de pessoas brancas e a afirmação de que tais comportamentos não são toleráveis em nenhum contexto. As (os) participantes compartilharam a necessidade de estarem sempre conscientes de que a proximidade afetiva com pessoas brancas não pode atenuar comentários racistas. Foi verificada também a necessidade, por parte das/os participantes, de se respeitarem e sentirem que é possível se retirar de relações que não são profícuas.

O recuo ou o afastamento em algumas situações foi apontado como uma forma de preservar a própria sanidade e promover bem-estar e qualidade de vida. A internalização da crença de que pessoas negras também possuem a capacidade de estabelecer critérios para se relacionar com outras pessoas, e não apenas se sujeitar ao outro, foi um aspecto ressaltado pelo grupo. Esta postura foi identificada pelos extensionistas como uma forma de autoafirmação da negritude e como uma forma de enfrentamento do racismo.

Manifestação e estratégias de expressão de afetos

O grupo foi estimulado a elaborar reflexões acerca de seus afetos e sentimentos. Foi possível perceber que esse movimento ainda se apresenta como um desafio, principalmente quando estes afetos e sentimentos têm como base o racismo e são expressos em um cotidiano perpassado de violências multifacetadas. Com relação a esse aspecto, foi possível perceber diferentes mecanismos de defesa das (os) participantes voltados para a evitação de contato com essa dimensão ao longo dos encontros. A partir

desta percepção, salientou-se que no espaço do grupo as pessoas tinham abertura para expor seus afetos, sendo proposta uma prática contínua para a validação dos afetos, por si e pelos pares, o que possibilitou a construção de um espaço de acolhimento seguro para todos (as).

Considerando que validar o próprio sentimento pode ser uma forma de entrar em contato consigo e de acolher-se sem julgamentos, estratégias de compreensão dos próprios afetos foram amplamente debatidas, sobretudo quando havia a necessidade de canalizar e direcionar os afetos de formas mais saudáveis. Os afetos descritos como negativos foram os mais salientados, e em relação a isso a romantização do sofrimento de pessoas negras e as possibilidades de subverter essa lógica foram pontos de reflexão do grupo.

Autoconhecimento e autoestima: estratégias de enfrentamento do adoecimento devido ao racismo

Em decorrência da estrutura da sociedade, foi ressaltado que, por vezes, é necessário que certos grupos, a exemplo de pessoas negras, desenvolvam estratégias para não adoecer. Com isso, foi realizado o questionamento: como não adoecer diante do contexto imposto às pessoas negras? A resposta dessa pergunta se relacionou com o desenvolvimento do autoconhecimento, que foi descrito como uma estratégia importante por possibilitar a percepção do mundo a partir dos próprios valores e crenças, se desvencilhando de estereótipos que causam sofrimento e que deslegitimam a existência de pessoas negras.

Outro aspecto abordado foi o conceito de autoestima e como cada participante se percebia em relação a esse construto. Nas discussões iniciais, o grupo foi instigado a compartilhar suas definições de autoestima, que foram apresentadas como: um processo contínuo de valorização de si e aprender a se respeitar e compreender que não é necessário

sempre agradar ao outro para se sentir bem. Algumas pessoas indicaram não terem uma autoestima elevada, sendo comum o relato de se sentirem incapazes em vários aspectos da vida. No entanto, foi unânime a crença sobre a importância de as pessoas negras atenderem-se para a própria autoestima e compreenderem o impacto dela na saúde mental.

Solidão da pessoa negra

Descrita não apenas como um sentimento, a solidão foi apresentada também como um elemento constituinte da experiência de ser uma pessoa negra. Como vivências que expressam essa solidão, foi destacado a necessidade de, desde a infância, ser preciso solicitar afeto dos outros, e a sensação de não se sentirem pertencente a quase nenhum ambiente. Somado a isso, falou-se da tentativa de pessoas brancas enquadrarem pessoas negras em diversos estereótipos, retirando destas a singularidade e, por vezes, desumanizando-as.

Vulnerabilidade da pessoa negra

A vulnerabilidade da pessoa negra foi abordada como um assunto delicado por envolver uma demonstração de fraqueza, limitações, medos, suscetibilidade a erros e à reprovação social. Foi comum o relato de uma dificuldade em se permitir ser vulnerável e uma incompatibilidade entre ser vulnerável e o imperativo social de que pessoas negras precisam sempre se apresentar como fortes e disponíveis.

Nesse contexto, foi discutido como a vulnerabilidade, e se permitir expressá-la, é um processo saudável para o ser humano, sendo uma forma de sinalizar os próprios limites e solicitar ajuda. Foi possível estimular a dissociação de vulnerabilidade a algo negativo, e promover a aceitação de que é possível não ter que suportar todas as situações sem recorrer a apoio. Nesse sentido, emergiu o questionamento de como lidar, então, com os momentos de vulnerabilidade, e a noção de rede de apoio, e a importância dela para essas ocasiões, foi apontada como uma estratégia.

Efeitos do racismo na subjetividade

Na maior parte dos encontros nos quais os efeitos do racismo na subjetividade de pessoas negras foram abordados, essa discussão esteve associada com estratégias de enfrentamento. O enfrentamento de situações de racismo foi apresentado, tanto pelo grupo quanto pelas extensionistas, como importante para o cuidado da saúde mental, e como elemento fundamental para ocupar lugares embranquecidos. As pessoas do grupo compreenderam que ao se falar de enfrentamento, é necessário evidenciar a importância do respeito à singularidade, e que, dessa forma, não existiriam estratégias universais de enfrentamento ao racismo, mas que poderiam ser desenvolvidas estratégias individuais pertinentes para a pessoa e para o seu contexto. Assim, as diferentes estratégias de enfrentamento apresentadas foram apontadas como recursos para se encontrar, se entender, assimilar com honestidade o contexto social e a partir daí se posicionar com maior assertividade e potência.

Discussão

O artigo descreveu uma prática psicológica antirracista que consistiu na implementação de um grupo de acolhimento direcionado jovens negros, principalmente universitários. Esta intervenção foi realizada para preencher uma lacuna significativa nas políticas de permanência universitária, que frequentemente negligenciam as necessidades psicológicas específicas dos estudantes negros, mesmo após a implementação de políticas afirmativas. A análise dos dados coletados durante as sessões do grupo evidenciou a eficácia do espaço criado para promover o bem-estar psicológico da comunidade negra, destacando a importância de oferecer um ambiente seguro para discutir e elaborar questões relacionadas à identidade racial e os impactos do racismo. Ao longo dos encontros, houve uma ampliação da consciência e do contato com os afetos. No encerramento, os participantes destacaram que o grupo contribuiu para o fortalecimento

da autoestima e para uma maior autoconsciência. A abordagem metodológica do grupo, fundamentada na Gestalt-terapia (Perls, 1977; 1979) e na Teoria da Identidade Social (Tajfel, 1982), possibilitou a análise das interações grupais, promovendo uma compreensão mais profunda das necessidades psicológicas atuais e identificação dos recursos (internos e externos) necessários para a autoaceitação e fortalecimento do grupo.

A Gestalt-terapia enfatiza a importância da relação terapêutica e do suporte social como ferramentas para o crescimento pessoal (Frazão & Fukumitsu, 2016). O *Grupo de Acolhimento às Juventudes Negras* exemplifica isso ao proporcionar um ambiente onde os participantes puderam se apoiar mutuamente, compartilhar experiências e desenvolver um sentimento de pertencimento. Esse suporte grupal é essencial para a construção de uma identidade social positiva e o fortalecimento psicológico dos participantes (Fernandes & Pereira, 2018). A análise qualitativa revelou que a escuta atenta e empática, juntamente com a validação das experiências dos participantes, foram fundamentais para promover a autoaceitação e fortalecer a identidade social positiva. Isso fomentou um ambiente de fortalecimento racial e resistência na luta antirracista.

A configuração do espaço do grupo, composto exclusivamente por pessoas negras, foi um fator relevante no engajamento desde o início. Desde o princípio, discutiu-se a importância de estar em um ambiente afrocentrado, onde as pessoas negras, especialmente as pretas retintas, se sentissem seguras para se expressarem afetivamente. Segundo a Teoria da Identidade Social de Tajfel (1982), a identidade social envolve o sentimento de pertencimento a um grupo social, junto com o valor e o significado emocional atribuídos a essa pertença. No caso do grupo de acolhimento, a identificação com outros indivíduos que compartilham experiências e desafios semelhantes permitiu aos participantes reforçar a autoestima e desenvolver um senso de orgulho e solidariedade. Isso é particularmente importante em um contexto social onde os

participantes frequentemente se sentem marginalizados ou discriminados. A interação positiva dentro do grupo, além de validar as experiências dos membros, fortaleceu a coesão grupal, promovendo um ambiente de apoio mútuo que contribuiu para o bem-estar psicológico e emocional dos indivíduos (Fernandes & Pereira, 2018).

Como foi apresentado pelo grupo, mesmo diante das evidências dos impactos negativos do racismo para pessoas negras, a crença na democracia racial ainda é frequentemente difundida de forma equivocada. No entanto, é relevante reconhecer que o racismo estrutural continua a impor violência, exclusão e vulnerabilidade econômica e social sobre indivíduos negros (Ferreira & Camargo, 2011). A "democracia racial" é, segundo Guimarães (2006), um conceito que sugere a existência de uma convivência harmoniosa e igualitária entre diferentes raças dentro da sociedade brasileira. Este termo, no entanto, tem sido amplamente criticado, pois na prática funciona mais como um mito do que como uma realidade, não abordando as desigualdades estruturais e as discriminações raciais persistentes. As experiências compartilhadas pelo grupo reforçam essa crítica ao conceito de "democracia racial", evidenciando os sofrimentos causados pelo racismo. As atividades de acolhimento foram desenvolvidas considerando a subjetividade negra, o contexto social e o racismo como fatores de adoecimento psíquico. Contrariando a crença na democracia racial, o grupo se configurou como um espaço para relatar experiências de racismo, acolher dores, celebrar conquistas e promover o autoafeto e o cuidado coletivo.

Nesse sentido, o *Grupo de Acolhimento às Juventudes Negras* funcionou como um facilitador do processo de empoderamento dos participantes. Ao valorizar e fortalecer a identidade social positiva, o grupo proporcionou uma base para resistir e responder aos efeitos negativos do racismo. Kleba e Wendausen (2009) dividiram o processo de empoderamento em duas dimensões: a psicológica, relacionada ao desenvolvimento do

autorreconhecimento, e a política, associada a transformações estruturais na sociedade. As atividades do grupo também abordaram o enfrentamento do racismo como uma ação política, como evidenciado por reflexões dos participantes sobre o grupo como um movimento de resistência.

O racismo foi reconhecido como um obstáculo em várias situações cotidianas, impactando o desempenho acadêmico e profissional das pessoas negras, além de afetar a autoavaliação, atenuar o sentimento de capacidade e nutrir o sentimento de culpa. O conceito de conflito intergrupal ajuda a compreender como o racismo funciona como um conflito entre grupos, onde o grupo dominante (brancos) perpetua a discriminação contra o grupo dominado (negros). Fernandes e Pereira (2018) pontuam que esse conceito se refere às tensões e hostilidades que surgem entre diferentes grupos, muitas vezes resultando em comportamentos de discriminação, preconceito e competição. Segundo os autores, esses conflitos podem ser motivados por uma variedade de fatores, incluindo diferenças culturais, econômicas, sociais e históricas, além de serem influenciados pelo sentimento de pertença a um grupo (endogrupo) e a consequente rejeição de outros grupos (exogrupo). Sherif (1961, como citado por Fernandes & Pereira, 2018) demonstrou que a competição entre grupos aumenta a coesão intragrupal e a hostilidade intergrupal, resultando em estereótipos e preconceitos usados pelo grupo dominante para justificar a manutenção das relações assimétricas de poder. No contexto do racismo, essa dinâmica é evidente, pois o grupo dominante utiliza estereótipos e preconceitos para reforçar a discriminação e manter seu status de poder sobre o grupo dominado.

Para os participantes, discutir suas experiências relacionadas às características comuns de ser negro no Brasil foi um processo importante para fortalecer a identidade racial. A conexão entre os participantes e o sentimento de pertencimento ao espaço criado foram variáveis que influenciaram esse fortalecimento. Houve uma maior

conscientização sobre a necessidade de pessoas negras ocuparem espaços historicamente negados, como o da universidade. Apesar de ser um processo potencialmente doloroso, com os recursos adequados, apoio entre pares e afirmação da própria identidade, ocupar esses espaços pode contribuir para a mudança estrutural na sociedade.

Considerações finais

O *Grupo de Acolhimento às Juventudes Negras* mostrou que a singularidade é um fator relevante na formação de um grupo. Em uma sociedade racista, na qual a homogeneização da identidade negra é usada para restringir subjetividades, afirmar-se como indivíduo fortalece todo o grupo. O percurso do grupo não foi fácil. Iniciar um projeto de extensão voltado para o acolhimento de pessoas negras jovens, sejam universitárias ou não, como o primeiro dentro do curso de psicologia de uma universidade federal, trouxe consigo desafios significativos. O ápice das dificuldades ocorreu durante a pandemia, quando muitos participantes enfrentaram dificuldades de acesso à internet e equipamentos eletrônicos de qualidade, mas ainda assim buscaram alternativas para participar.

Apesar disso, os resultados alcançados tornaram cada encontro desta jornada significativo. O grupo se constituiu como um ato de resistência em uma sociedade colonizada e embranquecida, representando a busca por uma psicologia que, parafraseando Angela Davis, não seja apenas não racista, mas também antirracista. A intervenção contribuiu para a formação acadêmica dos estudantes ao prepará-los para um acolhimento psicoterapêutico dentro de uma prática antirracista. Assim, é urgente avançar na ruptura com práticas psicológicas tradicionais, desenvolvendo novas abordagens que reconheçam e considerem as realidades vividas pelos indivíduos e a incorporação de pensadores antirracistas é essencial para este movimento.

Referências

- Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. Pólen.
- Almeida, S. (2018). *O Que É Racismo Estrutural?* Letramento.
- Berth, J. (2019). *Empoderamento*. Pólen.
- Brasil. (2012). *Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012*. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Presidência da República.
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm
- Cerqueira, D., Ferreira, H., Bueno, S., Alves, P. P., Lima, S. D., Marques, D., Silva, F. A. B., Lunelli, R. I. R., Lins, G. O. A., Armstrong, K.C., Lira, P., Coelho, D., Barros, B., Sobra, I., Pacheco, D., & Pimentel, A. (2021). *Atlas da violência 2021*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.
<https://www.bibliotecadeseguranca.com.br/wp-content/uploads/2021/09/atlas-da-violencia-2021.pdf>
- Conselho Federal de Psicologia. (2009). *Resolução CFP nº 001 de 30 de março de 2009*. Dispõe sobre a obrigatoriedade do registro documental decorrente da prestação de serviços psicológicos. <https://transparencia.cfp.org.br/wp-content/uploads/sites/15/2016/12/resolucao2009-01.pdf>
- Conselho Federal de Psicologia. (2020). *Resolução CFP nº 04 de 26 de março de 2020*. Dispõe sobre regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia do COVID-19. <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-4-2020-dispoe-sobre-regulamentacao-de-servicos-psicologicos-prestados-por-meio-de-tecnologia-da-informacao-e-da-comunicacao-durante-a-pandemia-do-covid-19?origin=instituicao&q=004/2020>

Davis, A. (2016). *Mulheres, Raça e Classe*. (H. R. Candiani, Trad.). Boitempo Editorial.

(Trabalho original publicado em 1981).

Fadel, F. C., & Pinheiro, M. E. (2015). Gestalt-Terapia de Grupo: o que é isso? *Revista*

IGT na Rede, 12(22), 196-239.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-

[25262015000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262015000100008)

Fernandes, S. C S., & Pereira, M. E. (2018). Endogrupo versus Exogrupo: o papel da identidade social nas relações intergrupais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18(1), 30-49.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-

[42812018000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812018000100003)

Ferreira, R. F., & Camargo, A. C. (2011). As relações cotidianas e a construção da identidade negra. *Psicologia: ciência e profissão*, 31(2), 374-389.

<https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000200013>

Frazão, L. M., & Fukumitsu, K. O. (2013). *Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas*. Summus Editorial.

Frazão, L. M., & Fukumitsu, K. O. (2014). *Gestalt-terapia: conceitos fundamentais*. Summus Editorial.

Frazão, L. M., & Fukumitsu, K. O. (2016). *Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia*. Summus Editorial.

Gonçalves, R. & Ambar, G. (2015). A questão racial, a universidade e a (in)consciência negra. *Lutas Sociais*, 19(34), 202-213.

<https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/25767/pdf>

Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano*. Zahar.

- Guimarães, A. S. A. (2003). O acesso de negros às universidades públicas. In P. B. G. Silva, & V. R. Silvério (Orgs.), *Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica* (pp. 193-216). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.
- https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/educacao_acoes_afirmativas.pdf
- Guimarães, A. S. A. (2006). Depois da democracia racial. *Tempo Social*, 18(2), 269-287.
- <https://doi.org/10.1590/S0103-20702006000200014>
- hooks, b. (2019). *E não sou eu uma mulher? Mulheres negras e o feminismo* (B. Libânio, Trad.). Rosa dos Tempos. (Trabalho original publicado em 1981).
- Hycner, R., & Jacobs, L. (1997). *Relação e Cura em Gestalt-terapia* (E. L. Freitas, & M. Portela, Trad.). Summus Editorial.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022). *Censo Demográfico 2022: Identificação étnico-racial da população, por sexo e idade: Resultados do universo*.
- https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3105/cd_2022_etnico_racial.pdf
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (J. Oliveira, Trad.). Editora Cobogó. (Trabalho original publicado em 2008).
- Kleba, M. E., & Wendausen, A. (2009). Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. *Saúde e sociedade*, 18(4), 733-743. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902009000400016>
- Lima, M. E. O. (2020). *Psicologia Social do Preconceito e do Racismo*. Blucher.
- <https://pdf.blucher.com.br/openaccess/9786555500127/completo.pdf>

- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). *As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. Estudos De Psicologia (natal)*, 9(3), 401-411.
<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>
- Lorde, A. (2019). *Irmã Outsider* (S. Borges, Trad.). Autêntica Editora.
- Mbembe, A. (2018a). *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte* (R. Santini, Trad.).
- Mbembe, A. (2018b). *Crítica Da Razão Negra* (S. Nascimento, Trad.).
- Moreira, A. (2018). *O Que É Racismo Recreativo?* Letramento.
- Munanga, K. (2019). *Rediscutindo A Mestiçagem No Brasil: Identidade Nacional Versus Identidade Negra*. Autêntica Editora.
- Nascimento, A. S., Souza, G. F. de S., Silva, M., & Oliveira, M. S. "Pretitude" e o afroperspectivismo em Psicoterapia: Desafios para a Abordagem Gestáltica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(4), 927-946.
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v19nspe/v19nspea06.pdf>
- Nogueira, R. (2011a). Denegrindo a Filosofia: O pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas. *Revista de Filosofia*, 4(2), 1-19.
<https://doi.org/10.31977/grirfi.v4i2.500>
- Nogueira, R. (2011b). Ubuntu Como Modo de Existir. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as)*, 3(6), 147-150.
<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/358>
- Perls, F. (1977). *Isto É Gestalt*. Summus Editorial.
- Perls, F. (1979). *Gestalt-Terapia Explicada*. Summus Editorial.
- Ribeiro, D. (2017). *O Que É Lugar De Fala?* Letramento.
- Ribeiro, D. (2018). *Quem Tem Medo Do Feminismo Negro?* Companhia Das Letras.
- Ribeiro, D. (2019). *Pequeno Manual Antirracista*. Companhia Das Letras.

- Ribeiro, J. P. (1994). *Gestalt-Terapia, o processo grupal: uma abordagem fenomenológica da teoria de campo e holística*. Summus Editorial.
- Tajfel, H. (1982). *Grupos humanos e Categorias sociais: Estudos em psicologia social*. (L. Amâncio, Trad.). Livros Horizonte.
- Tellegen, T. A. (1984). *Gestalt e grupos: uma perspectiva sistêmica*. Summus Editorial.
- Veiga, L. M. (2019). Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. *Fractal: Revista de Psicologia*, 31, 244-248. https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29000
- Yontef, G. M. (1998). *Processo, diálogo e awareness: ensaios em Gestalt-terapia*. (E. Stern, Trad.). Summus Editorial.